

LAZER E COLONIZAÇÃO: CONFLUÊNCIAS

Neiva Salete Maccari*

RESUMO

O artigo consiste numa breve apresentação de alguns aspectos ligados aos momentos de lazer durante o período de colonização do Município de Marechal Cândido Rondon, sendo resultado de pesquisa realizada para a elaboração da Dissertação de Mestrado intitulada *Migração e memórias*: a colonização do Oeste do Paraná. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi dada prioridade à fonte oral através da análise de entrevistas realizadas com migrantes que participaram efetivamente desse processo colonizatório.

Palavras-chave: memória, lazer, colonização.

ABSTRACT

The article consists of a brief presentation of some aspects linked to the moments of leisure during the period of colonization of the Municipal District of Marechal Cândido Rondon, being resulted of research accomplished for the elaboration of a work entitled *Migration and memoirs*: the colonization of the West of Paraná. For the development of the research priority was given to the oral source through the analysis of interviews accomplished with migrants that participated indeed of this process of colonization.

Key-words: memory, leisure, colonization.

* Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Campus Universitário de Mal. Cândido Rondon. Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Advertências iniciais

O presente estudo procura apresentar, a partir de fontes orais, alguns aspectos relacionados aos momentos de lazer durante a fase de colonização do Município de Marechal Cândido Rondon. A área que compreende o atual município de Marechal Cândido Rondon, localizado no extremo Oeste do Paraná, na fronteira do Brasil com o Paraguai, foi colonizada, a partir da década de 1950, pela Companhia Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. – Maripá, com uma área que, a princípio, compreendia 1.206 Km², dos quais 10,56 Km² correspondiam à área urbana e 1.195,44 Km² correspondiam à área rural.¹

Para a análise das fontes orais, adotamos nomes fictícios para os entrevistados, sendo que tal estratégia foi motivada pelo fato de que entrevistas que compõem o acervo do centro de pesquisa que consultamos não estarem acompanhadas de um Termo de Doação e Cessão de Uso de Documentos Históricos. Esse termo de cessão vem a ser a permissão por escrito e assinada pelo entrevistado para que seu depoimento possa vir a ser usado pelos pesquisadores e pelo público em geral.

Portanto, achamos que esse documento nos daria uma maior segurança para mencionar os verdadeiros nomes de nossos entrevistados. Na falta deste e, buscando precaver-nos de possíveis inconvenientes futuros, de caráter ético ou mesmo jurídico, optamos pela estratégia de criar os nomes fictícios.

Além disso, o texto procura manter fidelidade aos registros orais através da manutenção da linguagem utilizada pelos migrantes. Sendo assim, optamos por integrar ao trabalho aquelas características próprias do bilingüismo existente nessa comunidade, composta principalmente por des-

1 Atualmente com os desmembramentos e subdivisões dos municípios de Quatro Pontes, Mercedes, Pato Bragado e Entre Rios e os 17% do total da área que foram inundadas pelas águas da represa da Usina de Itaipu, o município possui apenas 575,48 Km², com uma população urbana correspondente a 30.461 habitantes e uma população rural de 15.487 habitantes, perfazendo um total de 46.461 habitantes. Deste total, a maioria (87%) são descendentes de alemães. O nome do município é uma homenagem ao desbravador Marechal Cândido da Silva Rondon, que, no ano de 1924, passou por essa região (PAWELKE, J. *Ficando rico no oeste do Paraná*. Marechal Cândido Rondon, 1970. p. 24).

cendentes germânicos, fazendo a tradução em notas de rodapé dos termos ou expressões utilizadas durante as entrevistas.²

A opção pelo trabalho proposto, dando prioridade à fonte oral, justifica-se, também, pelo fato dela possibilitar a apresentação de elementos que, além das evidências documentais, fomentam o desenvolvimento dessa temática com uma maior diversidade de informações sobre as mais variadas atividades desenvolvidas nesse período.

Além disso, o uso da fonte oral permite o acesso a versões produzidas por pessoas que participaram efetivamente no processo de colonização, vivenciando assim experiências marcantes que, ao serem narradas, transformam-se em informações importantes sobre a população desse período, tanto no que tange ao seu cotidiano quanto à sua cultura. Neste trabalho, ocorrem diálogos com pessoas anônimas, cujas experiências estão fixadas no “casulo” de suas memórias, estimulando o conhecimento sobre vidas que passaram despercebidas pela “História Oficial”.³

Não estamos querendo afirmar com isso que a fonte oral nos possibilita alterar todo um cenário, mas consideramos que, sobretudo, podemos mudar o olhar sobre como ocorreram os fatos, até porque a memória dos migrantes não quer ser definida como simples retorno ao passado, mas sim maneira através da qual o passado é apresentado no presente, oferecendo-nos leituras particulares desses fatos.

Convém lembrar que essa fonte permite-nos ainda a afloração de fatos e opiniões sobre acontecimentos do passado a partir de estudos desenvolvidos com base em diferentes interpretações sobre as experiências vivenciadas por pessoas comuns. Tal perspectiva permite demonstrar “como é rica a capacidade de expressão de pessoas de todas as condições sociais”.⁴ Logo, o narrador compõe-se através de várias personagens e estas, ao

2 Ainda com relação às fontes utilizadas na pesquisa, cabe ressaltar que grande parte delas compõe o acervo do Centro de Estudos, Pesquisas e Documentação da América Latina – Cepedal, órgão ligado à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon. Além destas, outras entrevistas utilizadas no trabalho foram realizadas por nós no intuito de auxiliar na elaboração das análises.

3 O termo História Oficial é usado como a História produzida com base em documentos de instituições públicas e privadas que, por sua natureza, não envolvem determinados aspectos do convívio social.

4 THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992. p. 41.

relatarem suas experiências, incorporam a sua memória à memória da região, contribuindo para a história do processo de colonização do Oeste do Paraná, intentando preservar suas lembranças.

Ressaltamos que a colonização do município de Marechal Cândido Rondon realizou-se em um passado recente. Dessa forma, encontramos presentes nessa comunidade muitos daqueles que participaram desse momento histórico. Tal fato facilitará o diálogo com diferentes agentes inseridos no processo da colonização.

Mas quem são esses agentes?

O grupo de migrantes, cujas narrativas buscaremos analisar, são, na sua grande maioria, descendentes de imigrantes alemães – procedentes de antigos núcleos coloniais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que, ao migrarem em fins da década de 1940, deixaram seu local de origem em busca de um futuro mais promissor, em um novo espaço físico e, através de diversas formas, criaram mecanismos para implantar nesse novo espaço o modo de vida ao qual já estavam habituados. Dessa maneira, ao migrarem, carregaram consigo, além de seus pertences materiais, seus valores socioculturais.

Neste processo, cabe destacar aqui, que, muito embora individuais, as narrativas de cada elemento do grupo que iremos abordar devem ser analisadas com uma certa especificidade, mas interligadas à memória mais geral, pois cada indivíduo se integra de um modo próprio às diversas redes que compõe e nas quais exerce atividades. A memória de cada migrante irá apresentar-se de acordo com o espaço social ocupado, já que a posição se altera em decorrência da integração que cada indivíduo em particular possui com diversos ambientes sociais.

Vale lembrar que todo novo vínculo grupal fomenta uma adesão da memória individual aos fatos que são importantes naquele período e naquelas circunstâncias. Ao abordar esta questão, Ecléia Bosi explica que a memória “é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergências de muitos planos de nosso passado”.⁵

Em outros termos, podemos sugerir que, embora o depoimento seja individual, ele apenas adquire significado quando aplicado à comunidade

35. 5 BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: TAC/Edusp, 1987. p.

social na qual o narrador está integrado, compartilhando experiências com o grupo que conviveu na mesma comunidade no passado e que registra elos de contato da mesma memória. De acordo com palavras de Marina Maluf:

A reconstituição individual não é um ato isolado, fechado em si mesmo, uma vez que para atingir uma lembrança não basta reconstituí-la em suas infinitas partes. Para que uma lembrança possa ser recuperada e reconhecida é preciso que esta reconstituição se opere a partir de dados ou noções comuns.⁶

Sobre esse ponto de vista, Maurice Halbwachs afirma:

Para que uma lembrança seja restaurada, é necessário que se trabalhe na perspectiva da memória coletiva. A sobrevivência do passado tem no grupo seu sustentáculo, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento e quando quisermos, de lembrá-los.⁷

Para Halbwachs, encontramos em uma comunidade imaginários sociais que elaboram uma certa representação entre o grupo e que são partes indispensáveis para reconstruir o passado. A partir disso é que compreendemos como essa comunidade se percebe e elabora os significados de suas vidas. Quanto à conservação da memória, o autor enfatiza que “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados empregados no presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada”.⁸

Logo, o esforço de recompor as imagens do passado é imposto pelo presente de quem está lembrando, pois, com imagens e conhecimentos de hoje, o rememorador relembra práticas de vida do passado. Consequentemente, é possível afirmar que, ao fazer parte de um grupo, o indivíduo colabora para preservar as lembranças que o grupo seleciona.

6 MALUF, M. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 36.

7 HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 49.

8 *Ibid.*, p. 71.

Assim, nossa ambição foi ordenar fragmentos de relatos orais de migrantes e, sob o olhar de personagens que participaram do processo de colonização do município de Marechal Cândido Rondon, tentar compreender como esse grupo percebe e narra os momentos de lazer vivenciados nessa trajetória.

Pausas para o lazer

Feitas estas ressalvas, podemos assinalar que, contrariamente ao que se poderia pensar, na fase colonizadora, os migrantes não haviam voltado suas preocupações apenas aos bens materiais, pois, em termos de vida social, os entrevistados recordam costumes peculiares e significativos. Um dos mais importantes que observamos foi, sem dúvida, aquele que se refere às festas. As formas de lazer, como os divertimentos familiares, nesse período, geralmente estavam associados aos rituais religiosos. As entrevistas revelam que os migrantes de Marechal Cândido Rondon sentiam prazer em reunir-se, esquecendo por algumas horas o trabalho árduo do cotidiano.

Assim, os moradores dessa comunidade caracterizavam-se como uma população “festiva” e alegre. Eram realizados freqüentemente bailes que iniciavam por volta das 19 horas, sem um horário pré-fixado para seu término, pois enquanto houvesse pessoas bailando, o conjunto musical não deixava de “animar”. Esses bailes eram os acontecimentos mais marcantes da comunidade e, geralmente, eram realizados em datas significativas, sendo que essas datas mais significativas estavam ligadas à questão religiosa. Portanto, não surpreende o fato de que as festas mais esperadas e mais comemoradas fossem o Baile do Natal, da Passagem de Ano, da Páscoa, do Carnaval, da *Kerbfest*, além dos almoços festivos realizados no espaço da igreja. Todas essas festividades eram sempre antecedidas de atos religiosos.

Essas festas eram animadas ao som da música germânica, nos moldes dos antigos núcleos coloniais, e seus freqüentadores dançavam valsa e bandinhas alemãs. Juntamente à dança, ocorria um verdadeiro festival gastronômico, no qual degustava-se o prato tradicional, “cuca com lingüiça”, que era acompanhado de muita cerveja, a bebida mais apreciada pela população.

Além dessas festas vinculadas aos feriados religiosos, com datas pré-fixadas, não faltavam festas como os serões familiares e carteados, realizados principalmente nos finais de semana, além das festas de casamento que, assim como os bailes, eram os acontecimentos sociais mais marcantes, tendo enorme importância na vida do povo de Marechal Cândido Rondon. Segundo João Fident, “nóis jogava carta, truco. Jogava no bar e em casa. Tinha um salão de baile meio pequenininho (...) o boteco, logo começaram também o futebol (...) aí a gente conversava, tomava uma cerveja (...) ou nós ficava sabendo assim as novidades” (João Fident).

Desde a fase inicial, os migrantes reservavam tempo para o divertimento, quando as pessoas reuniam-se para momentos de confraternizações. Para tanto, criavam-se espaços que serviam de pontos de encontro, usados para tratar de assuntos do cotidiano e também para a prática de jogos tradicionais. Em sua entrevista, o migrante Bernardo Strauss fala sobre as festas relacionadas à criação de novos distritos:

Nóis ía sempre, aí no tempo do Willy Barth né. Então, esses negócios dos distrito que nem a inauguração de Novo Três Passos, Nova Santa Rosa, Maripá, então sempre quase cada domingo tinha festa. Então tinha que ir. Naquele tempo já tinha ônibus, tudo mundo ia de ônibus na festa; era festa de criação destas vilas. Tinha churrasco, cerveja, música (...) tinha orquestra, era “Cacife do Sertão”, tinham aparelho de sopro, gaita, órgão (...). (Bernardo Strauss).

Assim, em Marechal Cândido Rondon, durante os primeiros anos, de acordo com os relatos acima, tanto o boteco, o salão de baile, quanto o carteadado com os amigos, os eventos políticos ou ainda a prática do futebol de campo possibilitavam a interação social. Nessas ocasiões, as pessoas aproveitavam para trocar idéias, sendo que as conversas versavam sobre os assuntos relacionados ao tempo, às plantações, aos novos moradores, entre outros, resumindo os fatos que marcavam a semana, o que, muitas vezes, era motivo para longas conversas. Contudo, mesmo que os assuntos muitas vezes fossem os mesmos, os espaços de discussão eram distintos, pois o bar era reservado como um ponto de encontro exclusivo do sexo masculino. Este aspecto é identificado na fala de Magdalena Bühler:

Meu marido chegou em casa e mandou comprar cigarros prá ele, enquanto ia tomá banho. Ele falou: ‘tu vai comprar cigarros prá mim’. Eu peguei o carro e fui. Cheguei no bar e (...) todo mundo me olhava, olhava, eu fiquei braba. Era só homem lá dentro, conversando e jogando e bebendo. Eles se espantaram porque eu entrei, e também quando pedi cigarros. Depois, quando eu saí, todo mundo veio na porta e na janela e ficava olhando. Fui prá casa e falei pro meu marido que fiquei braba (...) Ele foi tirá satisfação deles. Daí falaram que nunca viram uma mulher ir no bar, fumá e dirigi um carro. Eu me incomodei com isso. (Magdalena Bühler).

Como vemos, os espaços sociais estavam organizados através de uma dupla valoração moral, pois aos homens era concedido o direito de freqüentar o bar, “de fumar ou de dirigir o carro”, enquanto que para as mulheres tais ações eram consideradas impróprias. Vale salientar, portanto, que o bar consistia em um espaço para reunião entre as pessoas do sexo masculino, que, entre uma bebida e outra, passavam o tempo conversando com os amigos e jogando cartas, sendo que as mulheres tinham acesso limitado a esses estabelecimentos.

Ainda de acordo com o relato, dirigir um carro e fumar não eram hábitos comuns às mulheres. Desta forma, aos homens era permitido freqüentar e desfrutar espaços de lazer que não eram comuns para as mulheres. No entanto, os encontros festivos eram ocasiões em que era permitida a presença de todos os membros da família, pois as festas e bailes eram eventos que contavam com a participação de todos.

Na entrevista realizada com uma das migrantes, tais circunstâncias são descritas: “nóis ia no baile a pé e de cavalo, tinha cuca e lingüiça nos bailes prá comê e as moças era bem mais comportadas do que hoje (...) nunca saíam para o baile sem os pais ou um irmão (...) se dançava diferente (...) as roupas também eram mais bonitas. Isso animava mais, o respeito era maior”. (Carmen Cinanh). Apesar de poder participar de eventos sociais como os bailes e festas, as mulheres deveriam assumir atitudes condizentes com o que se considerava uma “mulher de respeito”, ou seja, aquela que não desrespeitasse os valores morais estabelecidos. Assim, além de ter o acesso limitado a determinados espaços, às mulheres, principalmente às adolescentes, não era permitido sair para uma festa sem a companhia de algum membro da família, pois as ocasiões festivas, como a participação

em bailes, eram momentos onde os namoros podiam iniciar e isso deveria acontecer sob o olhar dos pais ou do(s) irmão(s) mais velho(s). De acordo com uma das entrevistas, “festa tinha todo ano. Fest von evangelische kirche, von catolische kirche* [tais como a festa da colheita e a *Kerbfest*]. Era o que mais tinha. Em Chiapeta, onde nós morava, também já faziam estas festas” (Magdalena Bühler).

Como podemos perceber no relato, essas festas já eram realizadas no local de origem destes migrantes, sendo transplantadas para a então Vila de General Rondon, quando da transferência desses migrantes.⁹ Nizia Peter, sócia da Igreja Evangélica, relata peculiaridades da Festa da Colheita, realizada no mês de maio (mês das colheitas), sendo essa festa antecedida por um ato religioso que consistia em um ritual revestido de valores significativos para os migrantes. Esse ritual religioso é relembrado pela migrante da seguinte maneira:

Tinha uma festa da colheta que, se não me engano, era em maio(...). Então, na época, as pessoas, por exemplo nós, a minha família, outras famílias aqui residentes na Vila de General Rondon, a gente colhia de tudo um pouco. Então neste culto, desta festa de colheta, a gente levava por exemplo, trigo, feijão, arroz, mandioca, batata doce, laranja, o que você colhia na terra. Fazia uma bandeja bem bonita e colocava o que você colhia (...) Antes de começar o culto, você levava esta bandeja. (...) Você oferecia a Deus lá na frente do altar. (...) Tinha épocas eram leiloadas estas bandejas, tinha gente que morava na vila e gente que morava nas chácaras e colônias, então eles leiloavam aquilo, esse dinheiro era revertido à igreja, né. Então era uma oferta que os colonos, os desbravadores desta pequena vila, ofertavam a Deus dando graça à colheta que eles conseguiram durante este ano. Das var ibent chen.** (Nízia Peter)

Assim, a festa religiosa tinha uma importância muito grande, significando para a comunidade um período de harmonia e união em que to-

* Festa da igreja evangélica, festa da igreja católica.

9 General Rondon é a primeira designação recebida pelo então Distrito de Toledo, passando depois à condição de município com o nome de Marechal Cândido Rondon.

** Isto era muito bonito.

dos participavam e, deste modo, a religião também atuou como elo de união entre os migrantes. A festa da colheita representava o louvor a Deus pelas graças recebidas. Significava ainda que as necessidades básicas de produtos hortifrutigrangeiros estavam supridas por um certo período, pois representava segurança da subsistência da família. Germina Peter nos narra:

Depois do culto tinha das fest var mit dia musikante* **, churrasco, jogo de pescaria war den kinder* *** divertir e de todo. Hoje se chama matinê, né. Era tipo um baile, só que de tarde. (...) Tinha café, cuca, bolacha, bolos, lingüiça e cerveja e gasosa prá crianças. (...) Tinha muitas rifas de bolo, a gente tinha que adivinhar o nome que era colocado no bolo ou rifavam bordados, crochês, algumas doações que os fiéis doavam porque dias antes da festa era passada uma lista e as pessoas que pertenciam à congregação assinavam seu nome e a oferta que podia ser assim dúzias de ovos, farinha, manteiga, açúcar, essas coisa prá ajudá nos preparativos, ou sacos de feijão, milho, soja, isso era também uma oferta. (Germina Peter).

Certos aspectos interessantes sobre essa festa merecem ser destacados, como o fato desta ter um caráter essencialmente religioso na parte da manhã, começando por um culto solene e associando-se pela parte da tarde à festividade, que era reservada às refeições, à dança e aos jogos, quando a expectativa girava em torno das rifas e leilões de donativos. Esses eventos eram realizados ao som de música, o que, segundo os relatos, dava um clima descontraído à festa.

Entre as festas mais lembradas, está também a *Kerbfest*. Grande número dos entrevistados, quando questionados sobre o lazer, recordam-se desse acontecimento, ressaltando detalhes como os preparativos que a antecediam: as disputas pela “boneca do *Kerb*”, o acompanhamento da banda local da porta da igreja até o salão, o serviço de alto-falante da vila chamando a população para a tradicional festa. Marta Winkel nos relata que “então eram quatro dias de festa. Durante o dia preparava a comida – Kuche mit

*** A festa era com conjunto de música.

**** Para as crianças.

whoscht was dam* –, para a noite de festa. O conjunto [musical] começava no escurecer e parava no amanhecer. Então era festa direto. Festas de *Kerb*, eram muito bonitas” (Marta Winkel). A festa da *Kerb* é uma comemoração da inauguração da igreja evangélica e que se repetia anualmente, “é a festa da consagração da igreja” (Maidi Ross).

Das *Kerbfest* das von** tradicional realizada em outubro, que resultou mais tarde na *Oktoberfest* (...). Então começava-se da seguinte maneira: de manhã primeiro todo mundo ia pro culto (...), e era o pastor que fazia o tal do culto. Então todo mundo ia prá igreja, todo mundo bem vestido, com roupa de festa (...) a primeira vez, a roupa era usada na igreja. Os homens usava, era tradicional, era terno e gravata, um paletó bem social, muito bonitinho, todo mundo prá igreja. Então o pastor fazia o culto, porque era o principal. E a maioria que tinha eram os evangeliche von di kirche Martin Luther***. Então a maior festa era lá. (Nízia Peter).

Segundo os relatos, é possível percebermos que as grandes festividades tinham características religiosas, geralmente iniciando com um sole-ne ritual religioso pela parte da manhã. À noite, após terem estreado seus trajes, as pessoas reuniam-se no salão para bailar ao som de valsas e marchas alegres, que contribuíam para animar a população.

Terminava-se a igreja, batia-se o sino e quando o sino tam di musikande woran ah, ah* na frente da igreja tocando marchinha e valsa, tudo tipo (...) música alemã, (...) então de lá da igreja saía-se a pé, pegava uma parte aberta, outra parte em mata, e ia até o salão do seu “Haimandingos”. (Nízia Peter).

Após a cerimônia religiosa na igreja, iniciava-se um outro ritual: o conjunto musical conduzia os presentes até o salão do baile, para dar início

* Cuca com lingüiça para então.

** A festa da *Kerb* era.

*** Evangélicos da Igreja Evangélica Martin Luther.

* Daí os conjuntos de músicos estavam, na, na.

às danças. Como já dissemos a respeito da festa da colheita, a lembrança das tradicionais festas de *Kerbfest* também nos revelam que essas formas encontradas reforçavam as tradições dos locais de origem dos migrantes.

Assim, embora suas vidas estivessem voltadas para o trabalho, também havia tempo para momentos de festas que envolviam todos os membros da comunidade, desde os preparativos iniciais até o momento da festa. Além disso, as festas da colheita reforçavam os laços de amizade por ocasião da solidariedade que os preparativos exigiam, envolvendo as famílias da comunidade. “Di fraulaits, aben di kuche on di bolos keback faz das Kerb fest* *, porque durante o baile tinha bolo, cuca, lingüiça e, claro, cerveja. Nunca faltava isso (...) Depois de noite era só fest*** sempre nois tinha visita dos parente e conhecido lá do Sul que vinham neste período do Kerb, isto era todo ano, que vinha uns cinco, seis pessoas” (Maidi Ross).

Os preparativos da *Kerb* iniciavam alguns dias antes, pois muitas famílias neste período recebiam a visita de parentes e amigos que vinham para participar das festividades. As tarefas eram voltadas para a festa e contavam com a solidariedade mútua e, enquanto que as mulheres cuidavam da culinária e da confecção da boneca para o leilão, os homens cuidavam do resfriamento da cerveja que era realizado de maneira bastante peculiar, pelo fato de não haver ainda energia elétrica na comunidade:

Das solblast haben mai fater guebauat, das vor dem****
Haimadings, ele tinha um porão embaixo da copa (...) lá
embaixo, isto era na terra, lá eles colocavam as grades mit tem
biors***** enchiam de pó de serra aquela que vinha da serraria
e sal grosso. Isto já era botado dias antes e colocavam ali o sal
e (...) desmanchava e gelava. Então era o único meio de
conservar a cerveja fria. (Nízia Peter).

No salão do seu “Haimadings” realizava-se o baile da *Kerb* e o momento mais esperado por todos era o leilão da boneca da *Kerb*. Essa bo-

** As mulheres faziam as cucas e os bolos para a festa da kerb.

*** Festa.

**** O salão foi meu pai que construiu, era do.

***** Com cerveja.

neca representava uma bela jovem. Segundo Nízia Peter, eram confeccionadas pelas mulheres da comunidade várias bonecas e, em conjunto, escolhiam uma, a que o grupo elegia a boneca mais bonita.

Das war so un der ersten zeiten die habent aines flages bier um do haberse biaflages anes klaides guanales* como uma boneca, faziam não só uma, era feito assim vomo dize algumas, depois as mulheres entre elas escolhiam a que achavam a mais bonita, isto ficava difícil, por que entre as mulheres era assim como vou explicar era, era, uma honra ter participado da confecção da boneca que seria leiloadada no baile da Kerb.

Nesse processo, cabe destacar que a disputa em torno da boneca não ficava restrita apenas ao momento do leilão, que ocorria na parte da noite quando da realização do tão esperado baile. A confecção da boneca é relatada da seguinte forma por Nízia Peter:

Você recortava o rosto de uma mulher bem bonita e colava em cima onde é a tampinha da garrafa. Dali prá baixo na garrafa, você fazia a blusa da mulher, da boneca, no caso, daí em baixo na parte mais grossa da garrafa você fazia o vestido dela bem rodado, era feito com papel crepon, bem colorido, e a parte da garrafa que ficava em baixo era revestido com papel também prá dizê que a garrafa usava calcinha, que a moça não estava sem calcinha, porque era feio. Então esta garrafa era pindurada no meio do salão, o salão todo enfeitado, no meio tinha tipo uma coroa com cipreste verde e rosa, e no centro era pindurada a boneca. Ela era leiloadada, então. O homem que leiloava a boneca tinha o direito de dançar uma valsa sozinho com a boneca já na mão e junto com sua esposa, no caso. E a festa continuava, pena que não tem mais, era muito bonito esta festa. Pena que acabou. (Nízia Peter)

* Isso era assim, nos primeiros tempos. Eles pegavam uma garrafa de cerveja e daí eles faziam um vestido para esta garrafa de cerveja.

A partir da análise dos dados apresentados nos fragmentos transcritos acima, percebemos que a figura da mulher estava representada na boneca da *Kerbfest*, tendo um belo rosto e visual “bem colorido”, identificada com a beleza feminina, atraindo assim a atenção masculina, o que gerava um clima de disputa, que iniciava no momento da confecção da boneca e atingia seu auge através do leilão:

O leilão da boneca era em grades de cerveja. Por exemplo, oito, dez, doze, quinze, vinte grades era o leilão de uma garrafa desta. Então, para servir os presentes, o cara que leiloava arrecadava a garrafa. Ele é o que pagava mais, podia levá embora, podia fazê o que queria, dass bier* que foi leiloada, por exemplo, dez grades, de uma em uma era puxada no salão a grade toda e lá cada um passava, tirava uma garrafa e tomava. Todo mundo bebia e fazia festa em cima desta boneca. Isto era tão bom, tão bonito... Havia uma harmonia... (...) Todo mundo ficava esperando quem ia ganhá a boneca naquele ano. (Nízia Peter)

Além da euforia, os preparativos para a *Kerbfest* estavam marcados também por um clima de ansiedade e disputa, pois, como vimos no relato, os participantes ficavam na expectativa para ver quem seria a pessoa a vencer o leilão da boneca. Vemos também que esse ritual do leilão da boneca, além de estimular o consumo de cerveja entre os participantes, fomentava também a competição entre os membros participantes do leilão, pois a boneca representava um símbolo de destaque na comunidade.

Essa festa acontecia todos os anos e a boneca representa a figura da rainha das tradicionais *Oktoberfests*, atualmente realizadas no mesmo mês da *Kerb*. Segundo Maria Bernadete, quando analisa a figura da mulher na *Oktoberfest* realizada em Blumenau, cidade do Estado de Santa Catarina, “a partir da figura da rainha, e de todo material de divulgação da *Oktoberfest* (...) é possível perceber o quanto esta festa está centrada na imagem de uma mulher idealizada.”¹⁰

* Esta cerveja.

10 FLORES, M. B. R. Imagens que não se apagam: representações de gênero na *Oktoberfest*. *Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC/SP*, São Paulo, p.177, 1981.

A figura de uma moça bonita representada através da boneca constituía-se em uma mercadoria idealizada, erotizada e disputada entre as pessoas do sexo masculino. Sobre essa festa, Arnoldo Rocketen diz:

A Kerb? Hoje não adianta nem fazê uma noite de Kerb (...). Isso era uma tradição antiga. No Rio Grande do Sul ainda existe; lá tem ainda, lá é mais tradição. Isso era bonito essa época, eu não esqueço mais as Kerb. Aquilo, que coisa bonita, o baile começava as oito horas e terminava quando o sol batia dentro do salão. (Arnoldo Rocketen)

Assim, a memória dessa festa está orientada por lembranças de tradições passadas e que estavam vinculadas às tradições dos migrantes alemães que colonizaram o município de Marechal Cândido Rondon. Dessa forma, ao recordar o passado, revelam-nos que, mesmo com o trabalho pesado que se fazia necessário, encontravam tempo para preservar o espírito das diversas comemorações festivas.

Conclusão

Como vimos, os bailes, as festas periódicas, o cinema, são lembranças de um tempo passado que não retorna. Além disso, são espaços que estão guardados apenas na memória, uma vez que as edificações onde aconteciam esses eventos foram demolidas.

Na memória desses migrantes, esses espaços permanecem através dos laços afetivos que os ligam, pois “as memórias, através das nomeações, descongelam o espaço inominado, temporalizando este espaço a partir da atualidade, produzindo assim os diferentes lugares, através do seu poder de figuração.”¹¹

11 CARDOSO, I. A. R. Maria Antonia: a interrogação sobre o lugar a partir da dor. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 2, out. 1996.

O ato de recordar aparece então como mecanismo que possibilita a geração atual do conhecimento sobre esses espaços; e os fatos registrados na memória das pessoas que conviveram nesses espaços proporcionam, para as gerações presentes, a compreensão da sua importância enquanto locais de sociabilização. Além disso, os relatos nos dão uma dimensão das transformações pelas quais a comunidade passou, pois em vários deles encontramos expressões como estas: “naquele tempo era bom”; “acabou”; “isso não volta mais”; “como era bonito”; “que pena”.

Essas expressões geralmente são acompanhadas de um sentimento nostálgico, pois esses agentes históricos percebem como essas transformações afetaram seus valores culturais: ao invés da *Kerbfest*, a *Oktoberfest*, festa do chopp; as comidas típicas, como a cuca e a lingüiça, hoje são acrescidas de pratos como *eisbein* (joelho de porco defumado), *kassler* (lombo de porco), *sauerkraut* (repolho curtido em salmora, também conhecido como chucrute) que, apesar de caracterizarem-se como tipicamente alemãs, não faziam parte das festas daquele tempo. É perceptível, a partir dos relatos, que “os velhos, como documentos vivos da história, dão-nos uma dimensão da mudança”¹² e estes são sinais das transformações, pois, para os outrora migrantes, “os tempos mudaram”.

No caso ora apresentado, os migrantes é que selecionaram fatos sobre os momentos de lazer durante o período de colonização a partir de imagens de um mundo concebido por eles, ou seja, do modo como eles o vêem e querem que os outros o vejam. Percebemos que o ato de relembrar experiências passadas está carregado de emoções, valores culturais e sentimentos, pois, nas palavras de Marina Maluf, “a lembrança é uma construção orientada pelo lugar social e pela imaginação daquele que lembra”.¹³ Dessa forma, o esforço de recompor as imagens do passado é imposto pelo presente de quem está lembrando, com imagens e conhecimento de agora.

É preciso, portanto, não perder de vista que as entrevistas dos migrantes foram, para o nosso trabalho, um recurso no qual os sujeitos são responsáveis pela seleção dos episódios, reelaborando suas memórias e atri-

12 FLORES, M. B. R. *A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: UFSC, 1997. p. 154.

13 MALUF, op. cit., p. 31.

buindo-lhes significados, de acordo com a sua posição social no grupo. A memória é, assim, um olhar que se lançará em direção ao passado, recompondo lembranças assentadas na efetividade dos acontecimentos e oferecendo o passado a partir de uma forma específica de vê-lo, ou seja, esse olhar pressupõe, portanto, que o entrevistado, ao ordenar os fatos por ele vivenciados, apropria-se do passado. É o ato de relembrar no presente aquilo que muitas vezes havia sido esquecido. Dessa forma, é na busca das lembranças que se compõe o sentido na história do presente. Como “possibilidade de retratar a realidade passada”¹⁴, acompanhar o reencontro das imagens reconstruídas de outros tempos é uma forma de conhecer o lugar do qual nossos entrevistados falam, bem como a importância que atribuem às experiências narradas.

Referências

- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: TAC/Edusp, 1987.
- CARDOSO, I. A. R. Maria Antonia: a interrogação sobre o lugar a partir da dor. *Tempo Social*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1-10, out. 1996.
- FLORES, M. B. R. Imagens que não se apagam: representações de gênero na Oktoberfest. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, São Paulo, 1981.
- _____. *A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- MALUF, M. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- PAWELKE, J. *Ficando rico no oeste do Paraná*. Marechal Cândido Rondon: [s. n.], 1970.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

14 MALUF, op. cit., p. 89.